

## Anexo 9 – A manifestação da CAP em Marvão

Entrevistas aos principais actores do acontecimento, José Manuel Casqueiro, Lisboa, 29/7/1998 e Pedro Pezarat Correia, Queluz, 14/10/1998, além de outros testemunhos.

**José Manuel Casqueiro** – Eu tinha uma forte ligação com um conjunto de militares que tinham estado comigo envolvidos. Há-de compreender que se nós não tivéssemos alguma protecção de certas forças de carácter militar, não teríamos estamos em certas situações sem nunca ter havido o confronto. Já reparou que nós fazíamos manifestações, cortávamos estradas, fazíamos um conjunto de acções e nunca tivemos qualquer incidente grave de carácter militar? Porquê? O único caso de mortes foi em Santarém. Quando fizemos a manifestação de 25 de Novembro, houve uma tentativa de fazer logo a seguir uma manifestação em Santiago do Cacém. Foi a situação mais difícil porque eu passei na revolução no plano pessoal. E eu fui avisado pela parte militar que nos apoiava de que não havia condições para essa manifestação. E disse aos condutores da manifestação que não havia condições. Exactamente porque a unidade militar da região era o regimento de infantaria de Setúbal não estava sob o controlo das forças militares afectas aos vencedores do 25 de Novembro. Fez-se a marcação da manifestação e quando chegamos ao sítio marcado, ele estava ocupado pelos trabalhadores as UCP, pelo PCP. Com o apoio da forças de ordem. Nós éramos cerca de 3.000 manifestantes de um lado e eles eram outros tantos. Isso foi no início de Dezembro de 75. A reunião não se pôde fazer. (...) Essa acção deles, de promoverem uma contra-manifestação ocupando o espaço primeiro, resultou. E então eles pensaram fazer o mesmo em Marvão. Isso foi já próximo de Abril de 76. Então nós já estávamos mais organizados. Eles ocuparam o local, iam em reboques e camionetas para o local, e nós, para fazer a manifestação, estávamos nós de um lado e eles do lado de lá. Portanto, eles estavam com a saída cercada.

– Quem é que chegou primeiro?

**José Manuel Casqueiro** – Eles. E então houve cenas engraçadíssimas. A certa altura começaram a chegar camionetas deles, que vinham atrasadas. Vinham de vários sítios, até do Barreiro. Nós revistamos as camionetas e encontramos armas, ou...

– Eles armavam os trabalhadores?

**José Manuel Casqueiro** – Eram células do PC. Quando foi em Santarém, que morreram um agricultor e um trabalhador rural, no dia 6/11/75, altura em que estive mais próximo o confronto sério, a mobilização foi feita pelos sindicatos, com a organização do Governo Civil, e de todas as cooperativas e sindicatos. Quando nós íamos a desfilar na manifestação, eles diziam que nós íamos destruir os Centros de RA. Nós íamos fazer uma manifestação em frente da Escola Prática de Cavalaria. Nós saímos da antiga Feira da Agricultura, atravessamos a cidade de Santarém, e quando passamos, eles atiraram um engenho explosivo para o meio dos manifestantes. E alguns tinham pistolas, outros tinham outro tipo de armamento, como do nosso lado também.

– E na de Marvão?

**José Manuel Casqueiro** – As camionetas vinham com cajados de madeira e paus, e nós, a certa altura, conforme iam saindo, levavam cacetadas e alguns fugiram pela serra

acima. Um velhote a quem eu não deixei bater disse: “Eu não sou comunista!”. “Então mostre lá o BI”. E o homem mostra o BI e era a carteirinha do partido com o emblema e o cartão. Está a ver o que era a ingenuidade, nem teve a habilidade de esconder. Aí o Pezarat Correia está no helicóptero. Veio tentar negociar connosco.

– Ele foi chamado?

**José Manuel Casqueiro** – Ele foi chamado porque quando se viu que eles estavam isolados, cercados por nós, portanto numa situação grave, eles tinham os seus instrumentos, as suas ligações e conseguiram apelar ao Pezarat Correia para intervir. Então veio uma força militar para os tirar de lá. Que atirou granadas. Uma rapariguinha de Marvão ficou com a cara esfacelada.

– O que é que ela lá estava a fazer?

**José Manuel Casqueiro** – Estava do nosso lado. Só que a tropa, quando veio, foi para abrir, permitir a saída dos comunistas, das UCP, das cooperativas, que estavam lá para impedir a nossa manifestação. E portanto houve aí confrontos.

– E a miúda ficou magoada?

**José Manuel Casqueiro** – Ficou para o resto da vida. Foram as granadas atiradas pelo exército português para garantir e abrir espaços pelo meio de nós para garantir que eles pudessem sair por aquela zona. Portanto, a tropa obrigou-nos a recuar naquela zona para permitir a saída deles. Nas encostas de Marvão havia civis armados de caçadeira que iam disparando sobre eles.

– Mas era com a intenção de matar?

**José Manuel Casqueiro** – Não sei, essas coisas...

– Não chegou a morrer ninguém?

**José Manuel Casqueiro** – Nós tivemos sempre grandes dúvidas que não tivesse morrido ninguém. Porque houve situações de indivíduos que fugiam pela encosta da serra para o lado de Espanha.

– Mas se houvesse um comunista morto, eles certamente fariam dele um mártir...

**José Manuel Casqueiro** – Não. Naquela altura não, porque era um confronto em que eram eles que tinham invadido uma manifestação que estava autorizada. Aliás, o Pezarat Correia foi responsável. Tenho fotografias em que estou com os braços no ar, rodeado de pessoas com cajados na mão sobre a cabeça do Pezarat Correia, a impedir que lhe batessem, porque queriam-no linchar. Metemo-lo num Peugeot 204, a certa altura levantaram o carro e queriam-no lançar pela ribanceira abaixo. E foi com algum esforço que se conseguiu impedir essa situação.

-----

**Pedro Pezarat Correia** – Mas o caso de Marvão foi mais tarde. O caso de Marvão é um pouco romanceado pela CAP. Passa-se assim, eu vou-lhe contar exactamente... Aquilo foi em Abril de 76. Foi na Portagem, uma ponte que há na estrada que vai para

Espanha. A CAP veio-me contactar, como comandante da região, pedindo para eu lhes assegurar protecção para uma manifestação que queriam realizar lá na zona junto da Portagem. Eu disse “Sim Senhor, podem fazer a vossa reunião, ou assembleia, têm todo o direito de o fazer, que eu dou-vos protecção”. E dei instruções para a unidade responsável, que era o Batalhão de Portalegre. Disse-lhes para tomarem as respectivas medidas de segurança. Contactei com o batalhão, planeamos as medidas de segurança para a CAP poder fazer a sua reunião, numa zona que nem lhe era muito desfavorável, mas que tinha uma vizinhança que era incómoda. Que era a vizinhança de Avis, de Ponte de Sor, de Galveias, de Benavila, etc. E assim foi. Só que o colectivo das UCP, que tinha uma comissão coordenadora do distrito, apercebeu-se que a CAP queria fazer a sua manifestação e resolveu antecipar-se. Foi das tais medidas em que o Zé Luís teve um papel preponderante, foi um erro que ele cometeu. Faz uma coluna enorme de tractores com trabalhadores das Unidades Colectivas, antecipam-se à CAP e vão ocupar o recinto onde a CAP queria fazer a manifestação antes da Forças Armadas terem feito o seu papel. Anteciparam-se a toda a gente. Quanto a CAP quis fazer a sua reunião estava o terreno ocupado. A CAP juntou ali imensa gente e depois arregimentou imensa gente de fora.

– E de facto havia muita gente armada? Falam de muitas armas.

**Pedro Pezarat Correia** – Eu não sei. Mas o que é certo é que me telefonam, ainda antes da manifestação, a dizer que a CAP não podia fazer a sua reunião e que estava disposta a tomar todas as medidas para desalojar os trabalhadores da Unidades Colectivas para fazerem a manifestação. Nessa altura, quando as forças armadas lá chegaram já o terreno estava ocupado. Eu pedi o helicóptero e fui para a região. E deparo com um espectáculo. Chamo imediatamente o Zé Luís e digo-lhe: “É pá, vocês vão ter de sair daqui, porque eu vou cumprir a minha promessa. Vocês não saem a bem, saem a mal”. Ele disse “Sim, senhor, a gente vai sair”. Só que naquela altura a CAP já tinha ocupado todos os pontos de saída, quer a ponte, quer as estradas. Estavam todos cheios de espingardas e caçadeiras e diziam que quando eles saíssem que haviam de levar o respectivo correctivo. A minha preocupação foi procurar abrir passagens para retirar os homens das UCP com os tractores e aquilo tudo, e para deixar o terreno desocupado para a CAP poder fazer a manifestação. Lá fui eu procurar abrir caminho para tentar falar com os homens da CAP. E eu lembro-me que a certa altura, como eu tinha ido de helicóptero, e então meti-me com o meu chefe de estado-maior no carro de um latifundiário, um homem de Elvas. Mas aquela gente da CAP estava tão furiosa... O carro a entrar por uma multidão enorme e quando o carro parou e os indivíduos me viram estavam furiosos e com os paus amachucaram o carro todo do latifundiário. E dizia ele: “Está a ver o que está a acontecer ao meu carro?” E eu: “Olhe, é para você ver como é que estes indivíduos estão a reagir quando eu estou aqui a tentar resolver o vosso problema”. O meu chefe do estado-maior dizia que levava a mão na pistola e que não a largava. Acabou por não acontecer nada. Eu fui falar com os indivíduos da CAP e disse-lhes para procurarem manter alguma serenidade, mas para eles procurarem controlar os manifestantes. “Eu prometo-vos que vos vou desocupar o terreno, e isto agora é ponto de honra. Agora, provavelmente isto já vai ser desocupado a uma hora à qual vocês já não poderão depois fazer a manifestação. Mas fica pelo menos o gesto simbólico de desocupar o terreno e vocês farão a manifestação outro dia”. Entretanto mandei vir uma unidade de Estremoz, onde eu tinha as auto-metralhadoras, os carros blindados. A minha preocupação foi, com a tropa local, de Portalegre, procurar abrir as passagens nas estradas. Com a tropa de Estremoz organizei uma coluna de protecção

aos tractores e àquela coisa toda para retirar os tipos que estavam ali. E assim se conseguiu fazer.

– Isso parece quase uma guerra civil!

**Pedro Pezarat Correia** – Mas que se conseguiu controlar. Quando entretanto eu vi que aquilo estava tudo em marcha, estava quase a anoitecer, eu vi que a situação estava controlada, fui de helicóptero para Évora. Deixei o meu estado-maior a ver se os tipos saíam daqui, escoltados pela cavalaria de Estremoz, e depois os tipos da CAP haviam de dispersar. Marquei logo uma reunião para a semana seguinte em Évora, no quartel-general com os dirigentes da CAP. Só que, com pouca sorte, já eu tinha vindo embora, quando a coluna com os tractores ia a passar na ponte da Portagem, estava muita multidão nas bermas da ponte, estava gente, e barafustavam e gritavam palavras de ordem... E depois os tipos das unidades colectivas também um pouco primariamente iam nos tractores e gritavam “Vitória!, Vitória!” Aqueles ambientes pouco propícios a que as coisas fossem conduzidas com calma. Mas há um azar e a determinada altura há um soldado que está a fazer a segurança da ponte e que se assustou com a multidão a ameaçar que queria avançar para os tractores. E eles tinham uma segurança, tinham a responsabilidade de fazer um cordão. E há um rapaz, um soldadito qualquer, coitado, que se enervou, e resolveu retirar uma granada de mão para atirar para o rio. Uma granada de mão que nem sequer era uma granada... Há granadas ofensivas e defensivas. As ofensivas fazem um grande estouro, podem magoar se rebentarem perto, mas não têm estilhaços, as defensivas é que têm estilhaços. É mais para assustar do que para outra coisa. E aquilo era uma granada ofensiva que ele atirou para o rio para fazer um estrondo para ver se assustava aquela gente e conseguir que as colunas passassem. Logo por azar a granada ficou presa nos ferros da guarda da ponte, rebentou ali e acabou por ferir numa perna um homem da CAP, um dos apoiantes, sei lá se era da CAP, ou se era apenas um tipo que estava a ver. O que ainda acirrou mais aqueles ânimos contra a tropa. Eles já estavam contra a tropa porque a tropa não lhes tinha garantido as condições de segurança. Não tinha garantido porque os homens das UCP se tinham antecipado. Por outro lado estavam contra a tropa porque a tropa estava a retirar os homens das UCP, quando o que eles queriam era bater-lhes. E ainda por cima acontece aquele azar, já estava eu em Évora a fazer a comunicação por rádio. Entretanto lá se conseguiu retirar os homens lá para Avis e tal. Os tipos da CAP depois dispersaram e nos dias seguintes eu tive então um encontro com os homens da CAP no meu gabinete. Lá estava o Casqueiro, e outros. Na minha frente o Casqueiro disse que reconhecia perfeitamente o esforço que eu tinha feito. Inclusivamente que arrisquei a minha integridade física e que tinha conseguido com êxito retirar de lá as UCP. Que as UCP pelo menos viram que eu não lhes tinha dado razão, que os tinha obrigado a abandonar. E portanto ficou combinado fazer a manifestação na semana seguinte no mesmo sítio. É claro que eu no fim-de-semana seguinte encarreguei-me de contactar o Partido Comunista para dizerem aos apoiantes para não voltarem a fazer esta asneira. Contactei as UCP e tomei as medidas de segurança mais cedo. Porque eu também penso que o comando de Portalegre não foi suficientemente previdente. Devia ter-se apercebido que as UCP iam ocupar e devia ter imediatamente tomado medidas que não tomou. Portanto aqui a tropa também errou.

– Mas nota-se que em todo este processo tem de se perceber a psicologia das multidões, que ficam histéricas...

**Pedro Pezarat Correia** – E não pensam, as multidões não pensam. O que é certo é que no fim-de-semana seguinte eles conseguiram e a CAP fez a manifestação. Inclusivamente, nessa reunião preparatória da 2ª reunião, a CAP no próprio dia publicou um comunicado extremamente agressivo e ofensivo contra mim. Quando nós tivemos a reunião eu mostrei-lhes o comunicado e disse-lhes: “Vocês sabem que não é justo, porque eu acabei por conseguir resolver o problema.” E o Casqueiro disse-me *ipsis verbis*: “Ó Sr. Brigadeiro, a gente sabe que isso não foi bem assim, mas nós tivemos necessidade de dar uma satisfação à nossa gente.” Portanto, hoje faz-se um grande romance acerca do que se passou em Marvão.

– Eu penso que também as próprias ocupações também tiveram a ver com as multidões exaltadas e entusiasmadas com o discurso político.

**Pedro Pezarat Correia** – Havia de tudo. Estava-se a viver num clima de euforia permanente. Porque estas coisas não foram comandadas racionalmente, por isso os erros que se cometeram acabaram por se virar contra eles<sup>1</sup>.

-----  
Outros comentários:

“é boicotado o Plenário de agricultores promovido pela CAP em Marvão, o que origina confrontos que provocam vários feridos e obriga à intervenção da GNR e de efectivos militares vindos de Estremoz, Elvas e Portalegre, comandados directamente pelo Brig. Pezarat Correia”<sup>2</sup>.

“Nesse dia, os poucos agricultores que trabalhavam na preparação da reunião, num campo a 2 km da aldeia de S. Salvador, foram atacados, pela hora do almoço, por uma caravana de cerca de um milhar de trabalhadores rurais transportados das cooperativas comunistas de regiões mais a sul – entre as quais Sousel, Avis, Benavila e Seda. Esta caravana era transportada nos habituais reboques de tractores e também em camionetas. Os agressores atacaram os agricultores presentes na altura, e tomaram conta do local, soltando gritos de vitória”. Aos poucos os agricultores foram chegando e levantaram barricadas, “sitiando o milhar de comunistas (...) Pezarat Correia esteve mesmo em risco de ser linchado, tendo sido salvo por dirigentes da C. A. P., que, dentro de um automóvel, o protegeram”<sup>3</sup>.

**Dr. José de Carvalho** – Se gente não lhe salvasse a vida ali na Portagem...<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> O comunicado do Estado-Maio do Exército sobre o evento pode ler-se em *CAP. Recortes de uma Luta*, Edições CAP, Viseu, 1977, pp. 132-134.

<sup>2</sup> ALMADA, Teresa – *Diário da Reforma Agrária*, in BARRETO, António (dir.) – *A Reforma Agrária*, 4º vol., Publicações Europa-América, Mem Martins, 1987, p. 338.

<sup>3</sup> CARVALHO, Vacas de – *O Fracasso de um processo. A Reforma Agrária no Alentejo*, prefácio de Rosado Fernandes, Ed. do Autor, Lisboa, 1977, pp. 108-109.

<sup>4</sup> Entrevista realizada no Monte Padrão, Figueira e Barros, em 5/7/1998.

– E depois, na formação da CAP, começaram a ir às manifestações todas?

**F. V. Couceiro** – Sim, sim, íamos a todas.

– E já me contaram que houve aqui uma manifestação ao pé, aquela em Marvão. O que é que se passou naquela altura?

**F. V. Couceiro** – Eu por acaso não fui, estava na tropa nessa altura, mas os meus irmãos foram. Aquilo era uma manifestação dos agricultores e que os comunistas tentaram boicotar. Os primeiros agricultores que lá chegaram levaram um *enxurro*. Quando lá chegaram, estavam lá os *camaradas* todos à espera deles. E pronto, como as pessoas que iam para essas coisas, ia tudo já armado e essa coisa toda, quando se começou a juntar houve uma guerra civil. Houve pessoas que vieram de Marvão para aqui para Valongo sem roupa, sem nada.

– E o Pezarat Correia? Parece que teriam atirado o carro dele para não sei onde?

**F. V. Couceiro** – O Pezarat Correia era na altura o militar que estava ali em Portalegre. E quando aquilo começou em efervescência ele foi lá.

– O que é que ele lá foi fazer?

**F. V. Couceiro** – Ele ia lá tentar apaziguar aquilo. Só que...

– Ele ia defender os comunistas?

**F. V. Couceiro** – Aquilo naquela altura não dava para defender ninguém. Aquilo era tentar parar. Aquilo havia tiros lá para trás daquelas pedras que não era brinquedo.

– Mas eles disparavam mesmo para matar alguém? Ou seria só para assustar?

**F. V. Couceiro** – Não, não, se pudessem matar, era de aproveitar. Os ânimos estavam muito exaltados.

– Mas não chegaram a matar nenhum comunista?

**F. V. Couceiro** – Não. Mas não era só a gente a atirar aos comunistas! Eram os comunistas a atirar à gente também!

– E eles também queriam mesmo matar?

**F. V. Couceiro** – Então não queriam?<sup>5</sup>

-----

– Eu ouvi falar duma manifestação ali para o pé do Gavião...

**Lagarto** – Ah! Essa!, mas *ê* a essa *nã* fui. *Nã* fomos a essa, *nã* senhora. Pois, diz que sim; essa lá para o pé do Gavião, ainda houve para lá o diabo! Sei que aquilo correu para lá mal.

– Mas houve pessoas de Benavila que ficaram magoadas?

**Lagarto** – Ainda houve umas quantas, por acaso um homenzito que já morreu: *derem-lhe* para lá uma pedrada, ainda *lhe* partiram a cabeça... serraram as árvores para trancarem as estradas para *nã* poderem fugir. E aquilo, pelo jeito (disseram-me, eu ouvi dizer, que *ê nã* sei) foi esse Pezarat Correia que era *nã* sei o quê, capitão da tropa, ou da

---

<sup>5</sup> Entrevista a Fernando Valadares Couceiro, Monte Cavalinhos, Valongo, 25/8/1998.

guarda *nã-sei-o-quê* ali com um helicóptero, é que foi..., *andavam* aos montes, diz que aquilo *tava* ruím. Diz que *aqueli* Pezarat Correia é que lá levantou aquilo *nã* sei como<sup>6</sup>.

-----

Notícia n' *A Capital*: “Catorze feridos, uma dos quais em estado grave, é o balanço de um confronto ocorrido na povoação de São Salvador de Aramanha – 15 quilómetros a Norte de Portalegre –, entre membros da Confederação dos Agricultores Portugueses (C.A.P.) e centenas de trabalhadores rurais. (...) O feridos foram transportados para os hospitais de Castelo de Vide e de Portalegre, inspirando sérios cuidados o estado de três deles, Manuel Marques, barbeiro no lugar de Portagem, a quem teve de ser amputada uma perna, e dois outros que sofreram traumatismo craniano...”<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Entrevista a Arnaldo Gomes Barradas Montesinho, de alcunha *Lagarto*, Monte do Pereiro, Avis, 10/6/1998.

<sup>7</sup> Citado em *CAP. Recortes de uma Luta*, Edições CAP, Viseu, 1977, p. 132.